# s empresas

**O PRESIDENTE DO SECRETARIADO REGIONAL DA UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS, LUÍS DELGADO, DEFENDE QUE ESTAS INSTITUIÇÕES DEVEM SER GERIDAS COMO EMPRESAS.**

"lobby", realizar receitas, gerar rentabilidade, para depois aplicar na prestação de serviços de âmbito social, nomeadamente ao nível da terceira idade, que é o grande problema.

Há misericórdias que têm um património fabuloso e que não o rentabilizam. Há outras que não têm e procuram rentabilizar o que possuem para criar receita e fazer face às despesas.

Há cem anos as misericórdias funcionavam com donativos, hoje não é assim. Os grandes financiadores das misericórdias são os fornecedores que sustentam o seu funcionamento, esperando pelos pagamentos. E, honra lhe seja feita. As misericórdias são instituições tecnicamente falidas e só assim as podemos entender. Devem gerir da melhor maneira o seu património mas, na situação actual - que é de crise na área do social - não se pode entender que haja misericórdias que tenham contas a prazo, fabulosas, sem que haja aplicação desses dividendos.

**- Devem gerar receitas mas sem fins lucrativos...**

- Exactamente, porque o voluntariado é utópico. Poderá ter existido há alguns anos. Se relembrarmos o Movimento Nacional Feminino e a Cruz Vermelha, funcionaram porque tinham uma organização musculada. O voluntariado puro e simples não vai a lado nenhum. Hoje, tem que ter uma orientação profissional. A caridade tem preço e custa dinheiro. A realidade - e analisando friamente para depois ser condescendente na hora de decidir - é que as nossas instituições estão povoadas de pessoas que chegaram ao limite razoável do seu estado normal de vida e só procuram as nossas instituições, ou quando já estão totalmente dependentes, ou quando constituem um peso no conceito familiar do dia-a-dia actual, em que as pessoas trabalham. O conceito de família perdeu-se.

**- Alguma das misericórdias da Região possui um património considerável?**

- Enquanto presidente do Secretariado, posso dizer que a Misericórdia do Funchal tem efectivamente um bom pecúlio em termos de património.

**- Houve uma tentativa para reactivar a Misericórdia do Porto Santo. O que falhou?**

- As pessoas estão convencidas que devemos ter tudo. Muitas vezes, para pôr estas instituições em funcionamento é preciso trabalho e motivação. No caso do Porto Santo, há condições para a misericórdia funcionar.

**- Em que ponto está a Misericórdia de Santa Cruz?**

- Neste momento, está a arrancar. Até meados do próximo ano terá um lar e um centro de dia.

**- Que relação existe entre as misericórdias e a Secretaria Regional dos Assuntos Sociais?**

- Não existiriam misericórdias a prestar os serviços que prestam se não houvesse um entendimento total entre o Governo Regional e a política da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais.Temos de trabalhar em conjunto e só assim é que se entende o esforço. Somos prestadores de serviços e somos ressarcidos. A Secretaria Regional tem perfeita consciência da qualidade dos serviços que cada instituição presta e é criteriosa nesse ressarcir. Mas, nós estamos numa sociedade competitiva, em que cada um negoceia e "puxa a brasa à sua sardinha". É uma negociação permanente.

**- A tutela cabe à Igreja. A sua influência só se restringe aos valores cristãos que norteiam as misericórdias?**

- Nós, às vezes, enquanto instituições e dirigentes, temos necessidade de alguém com quem devíamos dialogar e não dialogamos. É a falta de tempo, que é cada vez mais curto.

**- Que tipo de relacionamento mantêm com a Diocese do Funchal?**

- Temos com a Diocese uma relação óptima, mas gostaríamos muito mais de a ver presente, de ver o senhor Bispo a visitar-nos sem avisar, para dialogar. Era extremamente importante que, de vez em quando, fôssemos provocados no bom sentido.